



Reflexão sobre teatro popular

3. O NYAU: DO RITO AO TEATRO

Como acontecia em todas as sociedades tradicionais, como antes descrevemos em relação aos Macondes, também na iniciação Nyau, e nos outros ritos onde o Nyau participava os meios culturais eram originariamente utilizados com função religiosa e também aqui alguns desses meios foram progressivamente introduzindo e assumindo novas funções.

A análise de como estes meios eram utilizados no rito e como, a partir daí, evoluíram em funções de expressão, representação, de comunicação, como linguagens, indica-nos a perspectiva justa para o desenvolvimento do Teatro Popular, de uma linguagem teatral, que toma como ponto de partida precisamente essas linguagens da expressão popular.

Os chewas era um sub-grupo dos povos maraves, que cerca do ano 1 500 se instalou na margem norte do Rio Zambeze, parte da actual Província de Tete. Paralela e estreitamente ligadas à estrutura política tradicional e à vida social e mágico-religiosa das comunidades chewas, funcionavam as organizações Nyau.

O Nyau intervinha nas cerimónias de iniciação das raparigas (china-

mwali) nos enterros (maliro) e nas cerimónias «de propiciação dos espíritos dos defuntos» (Mbona). A filiação no Nyau era voluntária e limitada a indivíduos do sexo masculino.

A INICIAÇÃO NYAU

A iniciação Nyau revestia características dos ritos de puberdade.

O candidato era apresentado pelo padrinho (phungo) ao chefe Nv-

au (mwini mzinda). Uma vez aceite, ele tinha primeiro que dar provas da sua coragem. Era deixado sozinho no mato uma semana ou mais. Quando menos esperava caíam-lhe em cima pessoas a gritar, a bater-lhe. Ele não podia mostrar medo.

Passada essa prova era depois levado para o local secreto onde eram construídas e guardadas as máscaras («pequeno dambwe») e depois onde eram construídas as figuras zoomórficas («grande dambwe»). O «pequeno dambwe» ficava junto do cemitério, que era sempre perto de água e o «grande dambwe» no mato cerrado. Eram ambos lugares proibidos.

O iniciado (namwali) era acompanhado em toda a cerimónia pelo padrinho que lhe explicava as palavras secretas que deviam ser empregues no «dambwe» para se referir aos materiais utilizados na construção das figuras zoomórficas que entravam na cerimónia, e que constituíam o código secreto para a identificação de um Nyau. Por

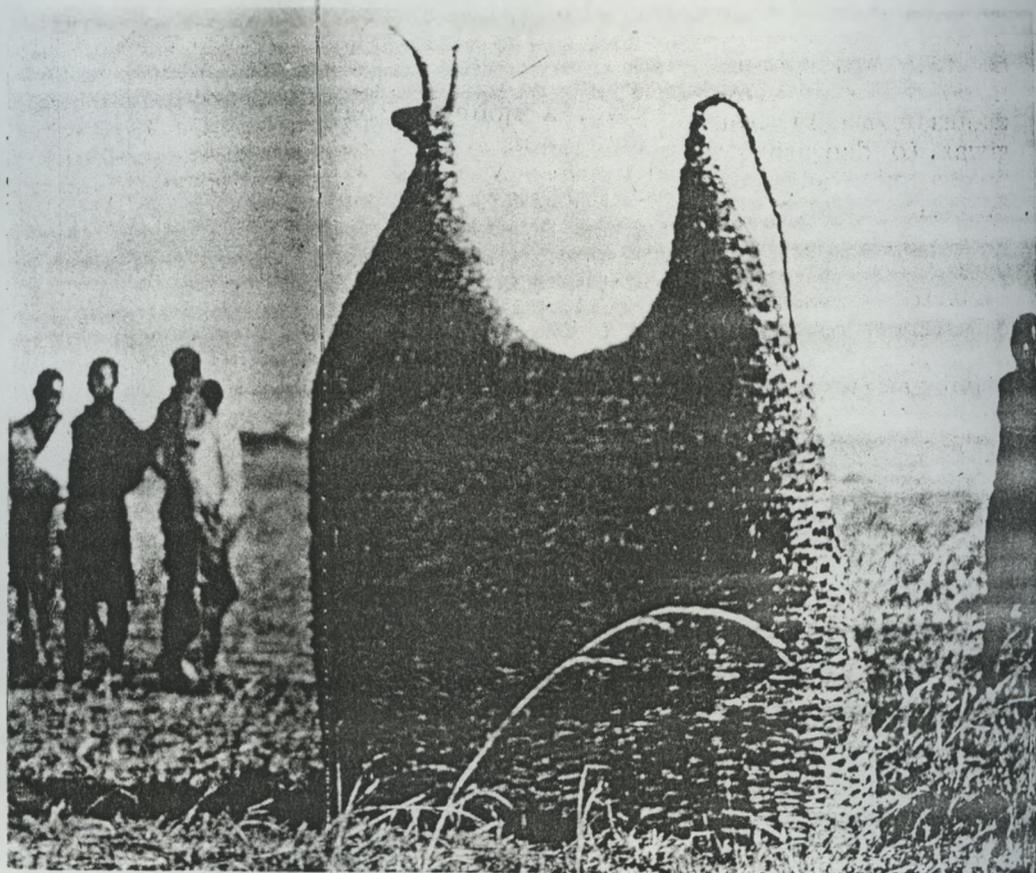


Figura zoomórfica

exemplo: ubweya (pêlo) em vez de udzu (capim); ntiti (costela) em vez de nsungwi (bambu), etc.

O padrinho e os Nyau mais velhos transmitiam ao iniciado as regras sociais (como por exemplo, o comportamento

em relação aos mais idosos) a história e os costumes da comunidade.

Terminado o fabrico das máscaras e figuras zoomórficas elas eram transportadas para o «llunde», local próximo da povoação onde os dançarinos se vestiam e se ornamentavam, antes de se dirigirem para o «bwalo», terreiro da aldeia. Esse trajecto era feito de noite, devendo manter-se afastados todos os estranhos.

O «bwalo» era um espaço circular (de 25 metros de diâmetro) que de um lado tinha um tronco deitado, onde se apoiavam os tambores (6 a 8) por trás dos quais ficava o coro das mulheres, que cantavam cantos eróticos. Era nes-

se espaço que os dançarinos com máscara e as figuras de animais dançavam dias seguidos.

As máscaras utilizadas pelos dançarinos eram muito variadas. Exemplos: «Kachipapa» e «Kapole» (máscaras confeccionadas com penas de galinha, que normalmente iniciavam a dança, «Makanga» (máscara com penas por cima. O dançarino andava sobre andas, cobertas por calças compridas) «Bwamoto» (o dançarino tinha pedaços de corda incandescentes amarrados nos braços e pernas) «Gonondo» (máscara com penas. O dançarino estava nu e tinha o corpo pintado de branco e vermelho) «Lende» (imitava a figura do maca-



co-cão, e era o único com quem as mulheres podiam dançar), «Kakaka» (máscara que metia medo, de boca grande e dentes enormes) «Kangiwa» (o dançarino tinha a cintura envolta com uma pele de chacal, e uma máscara humana de cor negra). Após o contacto com os colonos passaram a ser introduzidas outras máscaras: «Simione» (imitava o colono, tendo o corpo pintado de branco e máscara da mesma cor) «Makombe» (imitava o militar colonial, com uma máscara avermelhada, vestuário europeu e um lenço servindo de bandeira atado na ponta de um pau comprido) «Maria» (imitava figura de colona, com grandes seios pendentes) e «Manuel» (imitava o cantineiro colono).

As figuras zoomórficas eram muito diversas. Encontramos referências a figuras de elefante, búfalo, zebra, rinoceronte e boi. Essas figuras — chamadas «virombo» eram construídas com bambus, e ramos, que compunham a estrutura, coberta por capim, palha de milho, folhas de bananeira e barro. Dentro delas cabiam entre 10 a 15 homens, nas maiores, um ou dois, nas mais pequenas. As figuras tinham sempre os traços mais característicos dos animais que representavam — orelhas, trombas, chifres, etc. As vezes tinham uma cabeça verdadeira, embalsamada, que se movia em todos os sentidos, enquanto os homens dançavam, e na retaguarda, uma cauda, também verdadeira que abanava. Os flancos da cobertura

das figuras iam até ao chão, de modo a ocultar os pés dos dançarinos.

Estas figuras só apareciam à noite. A sua frente ia um miúdo — chamado «os olhos do nyau» — que tocava chovalhos para mostrar o caminho aos dançarinos que iam dentro do animal.

Estavam presentes no «bwalo» as mulheres e todos os homens que tinham recebido iniciação nyau. Os tambores começavam a tocar e as pessoas a dançar. Depois dançavam os melhores dançarinos da região. Após esta primeira parte tinha lugar um intervalo, durante o qual se bebia cerveja. Recomeçavam os tambores e as danças, que eram abertas pelos velhos e pelos chefes. Todos dançavam. No auge da festa, aparecia de repente o «kachipapa», que anunciava o nyau. As mulheres fugiam com medo. O nyau começava a dançar. De vez em quando parava em frente de um grupo de pessoas que fugiam. Pouco a pouco os outros dançarinos afastavam-se. Antes deles se retirarem aparecia outro nyau, os dançarinos atraíam a atenção das pessoas, para permitir que este segundo nyau entrasse e o primeiro desaparecesse sem que se visse como.

A terceira parte da festa, que se prolongava pela noite dentro, era aquela em que surgiam os animais. Subitamente um som de corno ressoava ao longe: eram as figuras de animais que saíam da floresta e que se aproximavam. As pessoas abriam alas, deixan-

do uma passagem no meio. Ao seu lado vinham os nyause e os iniciados, dançando. Recortados pelo luar e pela poeira levantada pelos pés dos dançarinos, dentro e fora deles, «trotavam», «galopavam», cruzavam-se continuamente em todos os sentidos. Depois de terem dançado por algum tempo voltavam pelo mesmo caminho. Iam repousar e regressavam pouco depois.

Nas noites mais escuras os dançarinos mascarados executavam uma dança especial, em que ornamentavam a cabeça, as mãos e o corpo com cordas e carvões incandescentes, seguros por

garras de ferro. No escuro não se via o homem mas seguia-se a sua dança pelos movimentos das luzes.

Depois da cerimónia as máscaras voltavam a ser guardadas (normalmente enterradas) e as figuras de animais eram queimadas ritualmente no «dambwe». Com as cinzas eram feitas duas bebidas — uma «para não deixar sonhar alto e assim não revelar o código secreto», e outra «para permitir o controlo sobre si mesmo» — que eram dadas a beber ao iniciado. Era com isto que terminava a iniciação nyau.



Dançarinos



Como aspecto particular, na iniciação das raparigas, apareceram as máscaras «Karnkuanha», «Kamuganga» e «Kaligwengwe» que eram utilizadas «para reduzir ao respeito as iniciadas que se tivessem revelado irreverentes e desobedientes». No «maliro» só intervinham as máscaras permanentes, e os «Kapole» (dois), que retiravam o corpo do defunto da sua palhota e o conduziam durante um pequeno trajecto até entregá-lo aos coveiros. Na «Mbona» os nyau ficavam no «liunde» enquanto os coveiros derrubavam a palhota do falecido, rapavam os enlutados e enterravam os cabelos no local onde tinha sido vertida a «mowa» (cerveja) oferecida ao «muzimo» (antepassado), em que se transformava o defunto nesta cerimónia.

SIGNIFICADO DO NYAU

O Nyau cumpria diversas funções fundamentais à conservação da sociedade Chewa.

O aspecto mais importante era a transmissão das regras e normas, das tradições, dos conhecimentos, da descendência dos chefes, e da organização social da comunidade — poder dos velhos, submissão da mulher ao homem, organização das pessoas nas actividades produtivas, etc.

Servia também para propiciar a harmonia entre o homem e a natureza — o equilíbrio entre os diversos elementos que a compõem, a fecundidade da terra e da mulher — função cumprida por exemplo,

pelas canções eróticas que as mulheres cantavam no «bwalo».

Porque não conheciam as causas de muitos fenómenos ligados à vida de cada um e da comunidade (morte, doenças, etc.); para garantir a integridade e a continuidade da família e da comunidade, os Chewas atribuíam esses fenómenos aos antepassados. Os antepassados deveriam então estar presentes em todas as cerimónias que marcavam os momentos principais da vida dos chews (passagem da adolescência à idade adulta, morte, etc.).

Os nyaus constituíam o elo de ligação entre eles e a comunidade, intervindo em todas essas cerimónias, através das máscaras e das figuras zoomórficas que os representavam.

Face à repressão (perseguição) colonial o Nyau assume depois funções de crítica (resistência) ao colonialismo.

Quando a Luta Armada de Libertação Nacional é desencadeada em Tete os nyaus aderem à FRELIMO. As necessidades de divulgação dos objectivos da FRELIMO e de mobilização das pessoas para as tarefas da luta conduzem a que eles introduzam essas novas funções nas suas práticas e desenvolvam as funções de crítica e de denúncia do colonialismo.

Anna Fresu
Mendes de Oliveira



Durante o colonialismo o Nyau introduziu máscaras representando figuras características dos colonos